

HUBERT VON BREISKY: DOIS ROMANCES, DUAS TRADUÇÕES

— UM CONTRIBUTO PARA
O ESTUDO DA TRADUÇÃO
DE AUTORES ALEMÃES
DURANTE O ESTADO NOVO
Marina Pankow dos Santos

Docente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

A análise que aqui se apresenta insere-se no contexto de um estudo alargado sobre a tradução de autores de expressão alemã durante o Estado Novo e tem como objecto os romances de um escritor austríaco – Hubert von Breisky – traduzidos para o português e publicados durante a década de 60.

Entre os autores traduzidos do alemão nessa época podemos encontrar escritores consagrados, como Rilke, Kafka ou Thomas Mann, mas também autores «menores» que, por razões várias, conheceram algum sucesso durante um determinado período, tendo depois caído no esquecimento. Hubert von Breisky inclui-se neste último grupo. Publicado na Áustria e na Alemanha e traduzido para diversas línguas, entre as quais o inglês, o espanhol, o português e até o longínquo japonês, Breisky é presentemente um nome desconhecido, quer para o grande público, quer para os que se dedicam ao estudo da literatura de expressão alemã.

Atendendo a este facto, começamos por apresentar algumas informações de carácter biográfico, bem como uma contextualização histórica das principais obras do autor, que poderão contribuir para o esclarecimento das razões do seu sucesso internacional, e simultaneamente, para explicar a transitoriedade desse sucesso.

Nascido em Salzburgo, Hubert von Breisky descende de uma família aristocrática de origem polaca. De acordo com uma tradição familiar, Breisky estuda Direito e, após o seu Doutoramento em Viena, ingressa na carreira diplomática. Em 1938, já depois da ocupação da Áustria pelas forças alemãs, é enviado para Berlim como membro de uma comissão jurídica e em 1939 para Portugal, onde permanece até ao fim da guerra. Em 1948 decide partir para Angola com Georg Krüger, amigo e futuro sócio de diversos empreendimentos em África. Até 1956 Breisky vive em Angola e em Moçambique dedicando-se a actividades tão díspares como a de plantador de sisal, caçador, criador de gado ou sócio de uma fábrica de farinha de peixe. Em 1956 Breisky fixa residência em Portugal continental, continuando, no entanto, a passar grandes temporadas em África e na Áustria. Entre essa data e 1967, ano em que morre num acidente de viação perto de Cascais, Breisky escreve grande parte da sua obra, que inclui três romances (*Der Koloss*, *Sie warten auf morgen* e *Paradies neben der Hölle*), um livro de contos, um livro sobre a história da família Breisky, bem como diversos artigos publicados em jornais austríacos.

Estes dados permitem concluir que a literatura constituiu para Hubert von Breisky apenas uma das muitas actividades a que se dedicou na vida. Tendo sido um homem com uma vida atribulada e rica em experiências pouco comuns, Breisky decidiu, em determinada fase da sua existência, registar as suas aventuras sob a forma de romance.

Trata-se pois de um romancista accidental, um contador de histórias, a quem a vida se encarregara de fornecer o material necessário. O resultado são alguns romances despretensiosos que, embora bem construídos e escritos com uma desenvoltura própria de

Hubert von Breisky: dois romances...

quem teve uma sólida formação cultural, foram esquecidos em poucas décadas.

Os motivos subjacentes à publicação do primeiro romance deste autor desconhecido prendem-se com questões de ordem temática.

Der Koloss, o romance inaugural de Breisky, cuja acção decorre em Moçambique, surge na Áustria em 1959, numa época em que a maior parte dos países europeus com colónias em África reconhecia finalmente que a sua posição naquele continente se tornara insustentável e, de uma forma mais, ou menos renitente, preparava a sua retirada. Os movimentos de libertação africanos estavam no auge de uma luta que, com maior ou menor violência, conseguiu que, entre 1960 e 1965, grande parte das antigas colónias se tornasse independente.

O processo não foi pacífico nem consensual e particularmente a população branca residente em África questionava a forma como ele fora conduzido, ao mesmo tempo que defendia a permanência dos europeus naquele continente, alegando a incapacidade e a falta de preparação dos africanos para o governo dos respectivos países.

Esta é aliás a posição defendida por Breisky que, à semelhança de Gilberto Freyre e das teorias luso-tropicalistas, propostas em relação ao Brasil, via na especificidade da relação entre portugueses e africanos residentes nas (ex)-colónias, a possibilidade de uma coexistência pacífica e produtiva que poderia até evitar uma independência, na sua opinião, precipitada e indesejável.

Esta visão, actualmente insustentável, era partilhada por inúmeros europeus que tinham feito de África a sua segunda pátria, bem como por aqueles que se opunham à ideia de abandonar a exploração de um território tão abundante em matérias primas.

Neste contexto, compreende-se o interesse suscitado pelo primeiro romance de Breisky, quer na Europa, quer nos EUA, ainda que a sua tradução para japonês permaneça um mistério.

Sie warten auf morgen, o segundo romance do autor, surge na Áustria e na Alemanha em 1964, quando grande parte do continente africano era já constituído por países independentes. A insistência de Breisky na importância da permanência europeia em África revestia-se agora de um carácter anacrónico, o que poderá explicar, em parte, que a sua publicação se tenha limitado aos países de expressão alemã, a Espanha e a Portugal.

Para a tradução e publicação das obras deste autor em Portugal podem ter contribuído ainda os seguintes aspectos: o facto de Breisky residir no nosso país, onde era muito bem relacionado, um profundo conhecimento de Angola e Moçambique, patente nos seus romances e, particularmente, a sua posição relativamente à independência das colónias africanas, partilhada pelo governo português de então.

O apego do antigo regime por Hubert von Breisky, resultante em parte das afinidades ideológicas referidas, está patente na tradução e publicação dos seus três romances por uma das mais prestigiadas editoras da época – a Bertrand.

Os romances de Breisky inserem-se numa colecção intitulada «Autores Universais» e estão incluídos na «Série Monumental», da qual faziam parte romances de grande aceitação pública, que na época podiam ser encontrados na estante de qualquer família da classe média.

Devido à inexistência de um arquivo histórico na editora Bertrand, não é possível verificar o número de edições publicadas, ou a quantidade de exemplares vendidos. A única certeza é a de que, desde a década de 60, os romances de Hubert von Breisky não foram reeditados, nem em Portugal, nem em qualquer outro país, à excepção de Espanha, onde existe uma edição de *El Colosso*, traduzida por Donato Prunera e publicada pela editora Destino em 1995.

Der Koloss, *Sie warten auf morgen* e *Paradies neben der Hölle* são os três romances de Breisky que foram traduzidos para o português e publicados em Portugal com o título de *O Colosso*, *A grande Calema* e *Paraíso à beira do inferno*, respectivamente. Destas obras, só as duas primeiras constituem o objecto deste estudo. Visto terem sido traduzidas por duas pessoas diferentes, serão abordadas separadamente.

A tradução do romance *Der Koloss* foi realizada por Maria Manuela Antunes a partir do original alemão e publicada em 1963.

O que ressalta desde logo do confronto do texto de partida com a versão portuguesa é a falta de uma estratégia clara no que respeita ao método de tradução. Se, por um lado, existem passagens onde se nota a preocupação de evitar correspondências demasiado literais, quer em termos lexicais, quer a nível da sintaxe, outras existem em que, por descuido ou por conhecimento insuficiente da língua alemã, a «colagem» ao texto original é tal, que o resultado chega a ser ridículo, ou até ininteligível. Se, por exemplo, a tradução de «hundeelend» (p. 153) por «triste como um cão» (p. 172), ou de «das käsiges Gesicht» (p. 156) por «o rosto em forma de queijo» (p. 176) nos faz sorrir, a frase «Wenn schon Wildnis, dann sollte es gleich richtig sein» (p. 78) traduzida por «Se já era selva, devia ser igualmente autêntica» (p. 90) não faz qualquer sentido em português.

Em muitos casos, a reprodução em português de estruturas sintáticas tipicamente alemãs, embora não prejudique propriamente a compreensão da frase, dificulta a sua leitura, tornando-a desagradável. Os exemplos que se seguem parecem-me bastante elucidativos:

- Ob meine ein bisschen langsame und beschauliche Art ihm von Nutzen war, kann ich allerdings nicht sagen (p.21)
- Se a minha índole um pouco calma e contemplativa lhe era útil, nada posso dizer (p. 25)
- Die boys stehlen und halten Haus und Küche nicht so in Ordnung, wie man es haben möchte, wenn der Provinzgouverneur zu Besuch kam. (p. 80)
- Os rapazes tratavam e cuidavam da casa e da cozinha não como seria para desejar quando o governador da província vinha de visita. (p. 91)

- (...) jener Eindruck freundlicher Zivilization (...), den alle Reisenden von Afrika mit nach Hause nehmen, die nie den schmalen Strich der Küste durchdringen. (p. 155)
- (...) aquela impressão de civilização simpática, que todos os viajantes da África levam para casa, os que nunca penetraram para além da estreita linha da costa. (p. 175)

Por outro lado, nas passagens em que a tradutora se distancia mais do texto de partida, a falta de rigor é notória e a lista de imprecisões e erros de tradução é extensa, denotando falta de atenção e/ou de conhecimento da língua alemã. Segue-se uma lista em que se salientam os casos mais graves:

- Dann sah sie nicht nach den Theaterzetteln, die überall kleben (p. 14)
- Depois nada mais via do que os cartazes de teatro colocados por toda a parte (p. 17)
- (...) sie gönnten mir kaum einen Blick (p. 21)
- (...) quase me invejavam o olhar (p. 25)
- Oder waren die beiden sich schon einig? (p. 144)
- Ou já seriam ambos um só? (p. 162)
- (...) in dieser verrückten Zeit, da ohnehin alles auf dem Kopf stand. (p. 344)
- (...) nestes tempos de loucura em que nada ficava na cabeça. (p. 391)

Esta miscelânea de imprecisões, à qual não podemos deixar de acrescentar outros lapsos graves como a tradução de «die Amis» (p. 197), referente obviamente aos americanos, por «os amigos» (p. 224), «die Balkontüre» (p. 198) por «janelas de balcão» (p. 224), ou de «Rhodesien» (p. 199) por «as Rodésias» (p. 225), revela a existência de graves lacunas da parte da tradutora no que respeita ao conhecimento da língua alemã.

No que concerne as expressões que no texto original aparecem em língua inglesa, verifica-se uma lamentável falta de coerência e definição. Em certas passagens, a tradutora opta por traduzi-las, noutras mantém as expressões em inglês, aparecendo a tradução em nota de rodapé, noutras ainda, as expressões são mantidas em inglês, sem qualquer nota ou tradução.

Verifica-se também uma tendência para a utilização de expressões rebuscadas pouco usuais na língua portuguesa, especialmente na tradução de passagens de cunho descritivo. Embora não constituindo propriamente um erro de tradução, a utilização de tais expressões não se justifica, uma vez que no texto original aparecem palavras de uso corrente. Curiosamente, esta tendência manifesta-se sobretudo na tradução de adjectivos relacionados com cores ou tonalidades, como se pode verificar nos exemplos que se seguem:

- mit ihrem weissen Tuch (p. 23)
- com um manto alvacentos (p. 27)

- hellgraue Augen (p. 56)
- olhos azul-pervinca (p. 64)
- das blauweisse Mondlicht (p. 71)
- o luar azulíneo (p. 82)

De um modo geral, e apesar dos aspectos negativos apontados, não se pode dizer que a compreensão global do romance tenha sido gravemente afectada. Talvez por se tratar de uma obra convencional, com uma estrutura e uma temática relativamente simples, a sua tradução, ainda que imperfeita, consegue reproduzir satisfatoriamente o texto de partida.

Contudo, a nível formal, as incorrecções e desvios frequentes têm um efeito negativo, dando ao leitor a sensação de estar perante uma obra mal redigida. O tom despretensioso do romance é particularmente afectado pelo uso frequente de uma linguagem rebuscada na tradução de trechos mais descritivos. De uma forma geral, pode afirmar-se que a tradução dos diálogos é mais bem conseguida, revelando que a tradutora tem mais facilidade de encontrar equivalências no português para uma linguagem coloquial.

Pelas razões apontadas, somos forçados a concluir que, embora não se trate propriamente de um clássico da literatura universal, o romance *Der Koloss* de Hubert von Breisky merecia uma tradução mais cuidada.

O segundo romance de Breisky, intitulado *Sie warten auf morgen* e publicado pela primeira vez na Alemanha em 1964, surge em Portugal em 1965 traduzido por Margarida Teles. O título, que em português significa «Eles esperam o amanhã», foi alterado por exigência da editora, provavelmente para impedir qualquer associação com os movimentos de libertação africanos, já que o cenário onde decorre a acção da obra é a antiga colónia portuguesa de Angola.

A *grande Calema* foi o título da edição portuguesa, sugerido pelo próprio autor que acompanhou de perto a tradução deste romance.

De um modo geral, pode dizer-se que se trata de um trabalho bastante aceitável que, na sua globalidade, pode ser considerado equivalente ao original.

É de salientar a preocupação da tradutora em evitar uma tradução demasiado literal, quer a nível semântico, quer sintáctico, embora haja que reconhecer que a fluência do texto de chegada é conseguida à custa de alguma falta de rigor.

Essa falta de rigor é particularmente evidente em passagens de difícil tradução, nomeadamente as que incluem expressões idiomáticas ou frases de construção mais complexa, que por vezes são simplesmente omitidas.

Vejamos alguns exemplos de frases ou expressões presentes no texto de partida, que foram omitidas no texto de chegada:

(...) mit dem unverwundenen Blick seiner Augen, deren dunkle Iris ein schmaler graublauer Ring umfasste, ein heller Rand um eine dunkle Tür. (p. 27)

Reicher Mann in Bedrängnis —, ein Fressen für jeden Anwalt. (p. 27)

(...) denen (...) der Boden daheim etwas zu heiss geworden war. (p. 51)

Man wird sich doch unter Liebesleuten noch einen Spaß erlauben können? (p. 147)

(...) hinein in das aufspritzende Wasser, hinauf die Böschung, wenn der Ball zurückflog — hinüber, mitten in die erschrocken auseinanderstiebenden Kinder aller Farbschattierungen, unermüdlich in der Urkraft ihrer jungen, unverbrauchten Körper. (p. 181)

Estes são apenas alguns dos casos detectados. Pelo teor dos trechos citados, compreende-se, embora não se aprove de modo algum, que a tradutora tenha optado por «esquecê-los». A tendência para a simplificação é aliás uma constante, verificando-se a supressão frequente de expressões ou palavras que não oferecem grande dificuldade de tradução. Seguem-se alguns exemplos que nos permitem constatar este facto:

- Im gleichen Rhythmus rauschte die Brandung na die Felsen. Doch heute brachte das immerwährende Brausen Michel keinen Schlaf. (p. 74)
- As ondas rebentavam com um ritmo monótono contra as rochas, mas Michel não conseguia adormecer. (p. 96)
- Hier gibt es kein Nacheinander, keine Reihenfolge einander drängender und ablösender Ereignisse. (p. 82)
- Onde não existia uma sequência lógica de acontecimentos. (p. 107)
- Schloss er das Fenster, dann war sein kleines Zimmer in wenigen Minuten ein glühendes, luftloses Gefängnis. Öffnete er es, dann zogen neue Schwaden fauligen Fischgeruches in den Raum. (p. 100)
- Se fechava a janela não se podia respirar no quarto, se a abria entrava o cheiro do peixe podre. (p. 131)

Ainda no campo das omissões, há que referir que a frase que dá o título ao romance na língua original — «Sie warten auf morgen» (p. 74) e que aparece numa passagem da obra onde se fala da condição da população negra em África, não surge no texto traduzido. Não sabemos se se tratou de uma iniciativa da tradutora, ou de uma imposição da editora que, provavelmente pressionada pela Censura, recusou a referida frase para título do romance.

Outro aspecto interessante a salientar é a sistemática omissão, ou substituição por eufemismos, de expressões de carácter sexual. A palavra «cama» («Bett»), por exemplo, utilizada diversas vezes pelo autor neste contexto, está completamente ausente na versão portuguesa. Eis alguns exemplos:

- Bronze und Gold und Mahagoni und was sie da alles heumfaseln. Aber nur im Bett. (p. 41)

— Falam de bronze, mogno, ouro, sei lá que patéticas, apenas nessa ocasião... (p. 54)

• Im Bett taugt keiner viel, heisst es. (p. 41)

— Dizem que os americanos não são grandes amorosos. (p. 55)

• Lydia bekam den Kopf nicht mehr runter, weil sie den Humphrey, den halben Engländer, ein paarmal ins Bett gekriegt hatte. (p. 41)

— A Lídia não conseguia baixar a cabeça, de tanta vaidade, por causa do Humphrey, esse semi-inglês. (p. 55)

• N'Gombe wird sich nicht mehr auf dich legen. (p. 180)

— N'Gombe não te quer ver mais. (p. 233)

Dado o teor relativamente inofensivo das expressões em questão, mesmo atendendo aos constrangimentos da época em que a tradução foi feita, acredito que se trate de uma opção da tradutora, uma vez que no romance do mesmo autor, publicado anteriormente pela mesma editora, mas traduzido por uma pessoa diferente, este fenómeno não se verifica.

Outra opção da tradutora é a de traduzir para o português todas as palavras ou expressões que no texto de partida aparecem em inglês ou francês. Neste aspecto, nota-se uma maior coerência da parte desta tradutora relativamente à autora da versão portuguesa de *Der Koloss*, embora a tradução de «Metropolitan» — clara alusão ao famoso museu de Nova Iorque — por «metropolitano» me pareça uma falta imperdoável.

Por último, importa referir um aspecto da tradução, que se reflecte de forma negativa na compreensão do romance. Trata-se da alteração aparentemente arbitrária da formatação, nomeadamente no que respeita aos parágrafos. Não me refiro às passagens em discurso directo, que em português têm obrigatoriamente um maior número de parágrafos, mas a outros trechos da obra em que o parágrafo marca, por exemplo, a transição da narrativa enunciada por um narrador onisciente para uma espécie de monólogo interior de uma das personagens. A ausência de parágrafos nestas situações, na versão portuguesa, dificulta a leitura do romance, já de si um pouco confuso nesta questão.

A própria divisão da obra em capítulos não é exactamente a mesma: enquanto que o texto de partida tem oito capítulos, a versão portuguesa tem apenas sete, devido à reunião do quinto e do sexto capítulos num só. Esta falta de correspondência não afecta contudo a leitura da obra.

Em conclusão, pode afirmar-se que a tradução de *Sie warten auf morgen*, o segundo romance de Hubert von Breisky, na qual o autor colaborou e com a qual se sentiu particularmente satisfeito, consegue (re)produzir de forma muito aceitável o conteúdo e a forma do romance. Embora se verifique uma tendência geral para a simplificação e para a omissão, que por vezes podem deturpar o estilo um pouco mais elaborado do texto de partida, existe uma certa coerência, ausente na tradução da obra anterior, que prova que neste caso houve uma estratégia, ou seja, um método de trabalho. A concentração da tradutora no

texto de chegada pode ter sido responsável por algumas imprecisões que hoje seriam consideradas graves, mas o resultado é um texto legível em português, praticamente equivalente ao texto de partida.

A declaração de que habitualmente as traduções publicadas pela editora Bertrand de textos em língua alemã eram feitas a partir de versões em inglês, foi uma das poucas informações que aquela editora conseguiu prestar-nos.

O caso de Hubert von Breisky parece ter constituído uma excepção, já que a tradução dos seus três romances foi feita a partir de originais em alemão. Não sabemos qual foi o critério da editora para a escolha dos tradutores, nem se havia na Bertrand pessoal habilitado para proceder à revisão das traduções. Particularmente no caso de *O Colosso*, parece não ter havido a preocupação de proporcionar aos leitores uma obra escrita num português correcto e fluente que correspondesse ao alemão correcto e fluente do texto original.

Apesar da diferença de qualidade, verifica-se, em ambas as traduções estudadas, uma falta de rigor e de respeito pelo texto de partida, muito frequente em traduções publicadas na década de 60, mas de forma alguma extensiva a todos os trabalhos de tradução realizados nessa época. Basta pensarmos no caso de Paulo Quintela e no seu inestimável contributo para a tradução literária do alemão para o português.

Existem evidentemente atenuantes para as falhas apontadas nesta análise crítica. A primeira é a constatação indesmentível de que, ao contrário do que acontece com os textos originais, as traduções envelhecem. Isto significa que uma tradução actual é necessariamente diferente de uma tradução efectuada há cerca de quarenta anos. São também sobejamente conhecidas as condições precárias em que trabalhava grande parte dos tradutores nos anos 60 (que lamentavelmente se mantêm em muitos casos até hoje) e as dificuldades com que se debatiam – o trabalho era mal pago e os prazos praticamente impossíveis de cumprir, circunstâncias que se reflectem negativamente na qualidade das traduções. A isto acresce o constrangimento resultante da censura, uma prática corrente na época, que para ser evitada exigia do tradutor alguma cautela e muita habilidade, o que correspondia muitas vezes a um afastamento em relação ao texto de partida.

No entanto, existem falhas nas traduções aqui analisadas, que não se prendem com nenhum dos aspectos apontados. Resultam sim de graves lacunas no conhecimento da língua e da cultura alemãs. E falhas desse tipo são imperdoáveis, independentemente da época e das circunstâncias em que a tradução foi feita.

Hubert von Breisky: dois romances...